

O sítio Lajeado 1 e os palimpsestos do Brasil central¹

*Lucas Bueno*²

Resumo

Neste artigo discutimos como a configuração do registro arqueológico no Brasil Central está associada ao processo de formação de extensos sítios líticos de superfície comuns em diferentes locais dessa macro-região. Três aspectos são enfatizados para testar a hipótese do sítio Lajeado 1 envolver a sobreposição parcial de conjuntos líticos produzidos em diferentes momentos de sua ocupação: 1) caracterização tecnológica do conjunto artefactual coletado; 2) distribuição espacial dos vestígios, e 3) comparação com os conjuntos associados a sítios de diferentes períodos de ocupação dessa área. Essa sobreposição seria responsável por definir uma extensa área de dispersão de vestígios, com adensamento em alguns pontos, correspondendo a configuração atual do sítio.

Palavras-chave: Brasil Central, Indústrias líticas, Processo de formação de sítio.

Abstract

In this paper we discuss how the archaeological record in Central Brazil is associated to the formation process of large superficial lithic sites found in different locations in this macro-region. Three aspects are emphasized in order to test a hypothesis that Lajeado 1 site was formed by the partial juxtaposition of lithic

¹ Trabalho realizado com o auxílio da FAPESP.

² Pós-Doc. CNPq. Departamento de Sociologia e Antropologia FAFICH/UFMG.

assemblages produced in different moments of its occupation: 1) technological characterization of the Lajeado 1 lithic assemblage; 2) spatial distribution, and comparison with other assemblages related to sites associated to different periods of occupation of this area. This juxtaposition would be responsible for defining a large area of dispersed remains, with localized clusters, corresponding to the current configuration of the site.

Keywords: Central Brazil, Lithic assemblages, Site formation processes.

Introdução

Um dos aspectos mais recorrentes no contexto arqueológico do Planalto Central Brasileiro envolve a existência de sítios arqueológicos superficiais de grandes extensões, normalmente compostos exclusivamente por material lítico. Sítios deste tipo aparecem em diferentes porções dessa macro-região e normalmente estão associados a áreas de terraços antigos ou grandes cascalheiras ao longo dos principais rios que cortam essa região e de alguns de seus afluentes. (Barbosa et al, 1981/82; Martin et al, 1986, Martin, 1996; Prous, 1991; Schmitz et al, 1997; Souza et al, 1981/82).

Esse, aliás, não é um fenômeno específico dessa região, muito pelo contrário. A existência de sítios bastante extensos dificultando a delimitação e separação em relação a outros sítios já foi documentada e debatida em outros locais do Brasil e do mundo (Kent, 1987; Rossignol & Wandsider, 1992; Schiffer, 1987).

No Brasil Central, no entanto, esses sítios são bastante frequentes e costumam apresentar uma grande quantidade de vestígios aparentemente relacionados a diferentes períodos de ocupação da região, formando um intrincado palimpsesto. No caso especí-

fico dos sítios líticos, um aspecto que dificulta sua investigação envolve a caracterização atualmente disponível para as indústrias líticas associadas aos diferentes períodos dessa macro-região. Pautada numa perspectiva excessivamente tipológica, a estratégia utilizada para associar os sítios a um ou outro período continua a ser a presença ou ausência de determinados tipos de artefatos ou de listas tipológicas (Bueno, 2003). Isso se torna um problema mais grave pelo fato destes artefatos serem ainda insuficientemente caracterizados e compreendidos do ponto de vista tecnológico, a ponto de se pleitear uma possível semelhança entre os artefatos-tipo da chamada Tradição Itaparica e artefatos característicos de ocupações recentes associadas ao período ceramista (Prous, 1991:197). Ou seja, o mesmo "tipo" de artefato poderia, desta forma, indicar uma ocupação associada ao Holoceno inicial ou tardio, perdendo completamente, desta maneira, seu suposto potencial de indicador cronológico.

Neste contexto, duas alternativas complementares se apresentam para investigar o processo de formação desses sítios densos e extensos, envolvendo uma análise espacial em diferentes escalas e a caracterização tecnológica da composição do conjunto artefactual associado ao sítio. Quanto à primeira, ela deve envolver tanto uma análise intra-sítio quanto inter-sítios, inserindo dessa forma o sítio em questão, num contexto mais amplo, de preferência sustentado por uma cronologia-cultural local, construída de forma independente a sua análise. Já no que se refere à análise do conjunto artefactual, ela deve abranger todos os tipos de vestígio e procurar correlacionar atributos que indiquem as escolhas efetuadas ao longo do processo de produção, utilização e descarte dos artefatos.

O contexto arqueológico da região do Lajeado

Na região do Lajeado, médio rio Tocantins, há uma série de sítios com essas características e até mesmo uma micro-região que pode ser considerada de fato como uma área contínua de dispersão de material, com locais discretos de interrupção. Na área da foz do rio Lajeado, margem direita do rio Tocantins, em cerca de 24km² identificamos 53 sítios, conferindo a esse local a densidade de 2,2 sítios por km². Nessa área, um sítio em especial chama a atenção pela sua extensão, densidade, composição e representação nesse conjunto de sítios: sítio Lajeado 1 (Fig. 01).

A fim de investigar essa relação entre densidade e diversidade de vestígios e proximidade e superposição espacial, realizamos um trabalho de âmbito regional com o intuito de definir, para esta área, uma cronologia cultural específica que nos possibilitasse distinguir nestes sítios superficiais diferentes eventos de ocupação. Essa estratégia envolveu a escavação de sítios a céu aberto com material lítico em estratigrafia e associado a vestígios orgânicos passíveis de serem datados. Foram escavados, até o momento, seis sítios (todos a céu aberto), para os quais obtivemos a seguinte seqüência de datações (Fig. 02).

Através da comparação dos conjuntos líticos associados a cada um desses períodos em todos esses seis sítios, construímos uma caracterização tecnológica das indústrias relacionadas a cada período de ocupação dessa região. Posteriormente, com base nessa caracterização, voltamos aos sítios de superfície, procurando associá-los a um dos períodos de ocupação através da combinação de aspectos relacionados às características tecnológicas do conjunto artefactual, distribuição do material lítico intra-sítio e inserção do sítio na paisagem.

Este procedimento foi adotado para todos os sítios encontrados nesta região (Bueno, 2005), mas, no presente artigo trataremos especificamente do sítio Lajeado 1, fazendo, no entanto, referência a outros sítios da região que forneceram informações significativas para uma melhor compreensão do seu processo de formação.

O sítio Lajeado 1

Localizado numa porção elevada do terreno à cerca de 500m do rio Tocantins e 50m de altitude em relação ao nível do rio, o sítio está assentado sobre uma extensa cobertura laterítica, numa área em que tanto processos erosivos quanto de sedimentação apresentam índices de intensidade bastante reduzida (EIA/RIMA, 1999).

Apesar da dificuldade em definir os limites de dispersão dos vestígios, através de caminhamentos sistemáticos pode-se definir uma área com 500x500m, ao redor da qual há ainda uma série de outros sítios, dos quais se separa por distâncias às vezes inferiores a 200m, como é o caso em relação ao sítio Lajeado 2.

As intervenções realizadas no sítio envolveram duas áreas de coleta distintas, com quadras de 10x10m e coleta alternada. Além destas, um corredor de coleta entre este sítio e o sítio Lajeado 2 foi também plotado de forma a investigar a distribuição dos vestígios entre ambos. Por fim, foi feita uma coleta esparsa no restante da área do sítio. Para observar a distribuição dos vestígios em sub-superfície realizamos 25 sondagens dispostas em três eixos, dois paralelos e um ortogonal ao rio Tocantins, com o que o sítio se mostrou eminentemente superficial uma vez que poucos vestígios foram encontrados a uma profundidade máxima de 20cm. A partir dessas intervenções o sítio Lajeado 1 apresentou a maior coleção dentre os sítios de superfície de toda a área estudada (De Blasis & Robrahn-González, 1998).

Este sítio forneceu uma amostra bastante diversificada com vestígios de diferentes matérias primas e evidências da realização de todas as etapas da cadeia operatória para cada matéria prima, com núcleos, lascas corticais, lascas simples, lascas de preparo, de retoque e de reavivagem e artefatos formais e informais. Identificamos uma distribuição diferencial entre as áreas de coleta no que tange ao tamanho absoluto da amostra e à densidade – área 1 com 1706 vestígios em 750m² e área 2 com 1257 vestígios em 250m². Além disso, encontramos também diferenças no que tange à composição dos conjuntos artefatuais em termos de matérias primas e distribuição das classes de vestígio. Esse aspecto, que analisaremos em seguida, é bastante interessante, pois, como ressaltamos anteriormente, uma pergunta feita a este sítio envolve o problema de saber se estamos lidando com vestígios gerados durante uma única grande e contínua ocupação, durante sucessivas ocupações (com funções diferenciadas ou não) de um mesmo grupo em diferentes momentos, ou ainda com a sobreposição de ocupações de grupos distintos também em diferentes momentos. Para encaminhar essas questões optamos por analisar o conjunto artefactual das áreas de coleta em separado e compará-los, seguindo basicamente o mesmo procedimento utilizado para analisar os sítios em estratigrafia dessa região (Bueno, 2005).

Conjunto artefactual: composição e caracterização tecnológica

Uma das principais características das indústrias líticas associadas aos diferentes períodos de ocupação dessa região diz respeito à proporção de cada matéria prima no conjunto artefactual. Neste caso ambas áreas de coleta mostraram uma composição diferenciada entre si. Na área de coleta 1 predominam quartzito (31%) e quartzo (29%), seguidos

pelo arenito silicificado fino (23%), pelo sílex (11%) e pelo arenito silicificado médio (6%). Já na área de coleta 2 o arenito silicificado responde pela maioria dos vestígios (57%), seguido pelo sílex (18%), pelo quartzito (16%), pelo arenito silicificado médio (7%) e pelo quartzo que quase não aparece (2%). Essa oposição entre as duas áreas de coleta é semelhante à variação encontrada entre os conjuntos associados aos diferentes períodos de ocupação identificados na área de pesquisa (Fig. 03).

No primeiro período estão os conjuntos que apresentam um predomínio das matérias primas de melhor qualidade (arenito silicificado fino e sílex) enquanto nos períodos seguintes os conjuntos artefatuais passam a ser compostos predominantemente pelas matérias primas de pior qualidade, definidas nesse contexto como arenito silicificado médio, quartzito e quartzo.

Para a distribuição das classes de vestígio encontramos também diferenças significativas entre as áreas de coleta. Na área de coleta 1 predominam os fragmentos (39%), os fragmentos de lasca (22%), as lascas fragmentadas (18%), as lascas (12%), os artefatos (6%) e, por último os núcleos (3%). Na área de coleta 2 uma diferença importante com relação a essa distribuição envolve o fato de que fragmentos de lasca e lasca fragmentada aumentam muito em proporção (respectivamente 41% e 26%), ao mesmo tempo em que os fragmentos em geral e os núcleos diminuem significativamente. Enquanto na área de coleta 1 os fragmentos respondem por 39% dos vestígios, na área de coleta 2 representam apenas 9%; os núcleos, que na área de coleta 1 somam 3% dos vestígios, na área de coleta 2 têm uma representatividade de menos de 1%. Ainda com respeito à distribuição das classes chama a atenção o fato de que entre ambas as áreas os artefatos correspondem aos vestígios cuja representatividade permanece mais próxima de uma constante

(6% na área 1 e 7% na área 2). Fora esse último aspecto podemos dizer que a distribuição das classes de vestígio entre as áreas de coleta também aponta para semelhanças com relação à distribuição que encontramos entre os conjuntos dos diferentes períodos (Bueno, 2005:211).

Uma outra característica do conjunto lítico dessas duas áreas que as distingue e que é decorrente dos dois aspectos anteriormente observados envolve a distribuição dos vestígios corticais. Enquanto na área 1 a maioria dos vestígios apresenta reserva cortical (54%) na área 2 ocorre o inverso, com a grande maioria (72%) dos vestígios apresentando superfície externa sem córtex.

Estes três aspectos reforçam uma observação feita para os conjuntos líticos provenientes dos sítios em estratigrafia a respeito do uso diferencial das matérias primas. O fato de haver entre elas uma apropriação diferencial faz com que grande parte das diferenças encontradas nos conjuntos líticos de cada sítio se deva justamente à proporção das matérias primas. Por exemplo, o quartzito está normalmente associado a um lascamento menos controlado e intenso, a uma utilização das lascas e fragmentos sem modificação secundária e de seixos brutos associados ao uso do fogo. Isso faz com que os conjuntos nos quais ela predomine apresentem uma maior proporção de núcleos, fragmentos térmicos e de lascamento, lascas inteiras e vestígios corticais. Por outro lado, o arenito silicificado está associado a um intenso aproveitamento dos núcleos que chegam aos sítios já pré-trabalhados e são lascados com maior controle e precisão, visando a obtenção de suportes que, através de um lascamento ainda mais preciso são retocados, gerando artefatos, posteriormente utilizados, e ainda reavivados e reciclados. Esse tipo de apropriação gera um grande número de fragmentos de lasca e lascas fragmentadas, praticamente sem córtex, normalmente

de pequenas dimensões, com talões preparados, uma série de cicatrizes de retiradas anteriores, poucos fragmentos (tanto de lascamento quanto térmicos) e núcleos e uma série de artefatos, predominantemente formais. Pelo que vimos nos sítios com estratigrafia essa diferença de apropriação está presente em todos os momentos e uma das principais diferenças entre eles, decorrente das escolhas relacionadas ao conjunto artefactual produzido, diz respeito justamente à proporção das matérias primas presente em cada um.

No entanto, no caso do sítio Lajeado 1, onde os vestígios estão todos em superfície e não há uma separação estratigráfica entre eles, uma série de fatores pós-deposicionais podem estar relacionados à formação desses conjuntos. Além disso, o fato de termos neste sítio uma área horizontal de observação e coleta muito superior àquela obtida nos sítios com material em estratigrafia poderia revelar um novo aspecto sobre o período de ocupação mais antigo da região ao evidenciar diferentes áreas de atividade com vestígios de todas as etapas da cadeia operatória e de todas as matérias primas. Para investigar essa questão, os possíveis fatores culturais pós-deposicionais a afetar a composição dos conjuntos e a associação entre tipos de vestígio e matéria prima podemos analisar ainda uma série de aspectos dos conjuntos líticos associados a estas áreas de coleta.

O primeiro ponto diz respeito à relação entre matéria prima e classe. Na área de coleta 1 a principal diferença com relação à distribuição das classes em cada matéria prima gira em torno da proporção de fragmentos, núcleos e artefatos. Para o quartzito, o quartzito e o sílex os fragmentos representam a maioria dos vestígios, enquanto para o arenito silicificado médio esse tipo de vestígio é o terceiro mais representado e para o arenito silicificado fino é o menos representado. Os núcleos apresentam a

mesma distribuição que os fragmentos, sendo mais bem representados no quartzo, quartzito e sílex, embora com pouca representatividade em cada uma delas. Para as matérias primas arenito silicificado fino e médio não há nenhum núcleo. Essa distribuição se inverte no caso dos artefatos. Estes aparecem com maior representatividade em arenito silicificado fino e sílex, sendo que no arenito aparecem como a terceira classe de vestígios. Os artefatos estão menos representados no quartzo, no arenito silicificado médio e no quartzito, sendo que no arenito médio e no quartzo são as classes menos representadas. Vemos assim que há uma oposição bastante clara entre o arenito silicificado fino de um lado e quartzo e quartzito de outro com relação à representatividade de artefatos, fragmentos e núcleos em seus conjuntos.

Esse mesmo padrão de distribuição pode ser observado para a área de coleta 2, embora com variações internas a cada matéria prima. Os fragmentos estão mais bem representados no quartzo, no quartzito e no sílex e menos representados nos arenitos fino e médio. No entanto, há variações entre as duas áreas de coleta no caso do quartzito e do sílex com relação à representatividade dos fragmentos. Na área 1, os fragmentos eram a classe com maior representatividade no quartzito enquanto na área 2 passam a ser a terceira classe melhor representada; o sílex também tinha como principal classe de vestígios na área 1 os fragmentos, enquanto na área 2 eles passam a ser a quarta classe melhor representada. Já os núcleos da área 2 aparecem muito pouco representados, sendo a classe com menor representatividade no quartzito e no sílex. Para as demais matérias primas não há nenhum núcleo nessa área de coleta. Já os artefatos continuam a apresentar o mesmo padrão de distribuição indicado anteriormente, aparecendo mais em arenito silicificado, seguido pelo sílex, pelo arenito silicificado médio e pelo quartzito; quartzo

é a única matéria prima em que não há nenhum artefato na área de coleta 2.

Vemos assim que ambas as concentrações mostram a mesma tendência de distribuição das classes fragmento, núcleo e artefato entre as matérias primas. Esse padrão de distribuição por sua vez reforça a observação feita anteriormente que relaciona certas matérias primas a determinadas classes de vestígio, o que por sua vez, faz com que a proporção de cada matéria prima no conjunto artefactual de um sítio defina a variabilidade e representatividade das classes de vestígio.

No entanto, mesmo com a manutenção desse padrão vimos que há diferenças significativas na distribuição das classes por matéria prima em cada área de coleta. Por exemplo, apesar de em relação ao arenito silicificado fino o quartzito ser utilizado de uma maneira mais expediente em ambas as áreas de coleta, em cada uma delas o mesmo quartzito não é utilizado da mesma maneira. A principal diferença entre as duas áreas com relação à apropriação dessa matéria prima é que na área 2 diminui muito a sua utilização bruta, sem modificação e associada ao uso do fogo. Já o sílex, na área de coleta 2, deixa de apresentar majoritariamente vestígios relacionados ao lascamento de núcleos, como o são os inúmeros fragmentos de lascamento ali encontrados na área 1, e passa a ser utilizado de uma forma mais cuidadosa, com a predominância de fragmentos de lasca e lasca fragmentada.

Um aspecto importante para entender melhor a diferença na forma de utilização de cada matéria prima nessas duas áreas envolve a distribuição dos tipos de lasca (Fig.04).

Como vemos na Fig. 05 as lascas relacionadas às etapas finais de preparo e de reavivagem de artefatos são majoritariamente de arenito silicificado fino, mas aparecem também em arenito silicificado médio, sílex e quartzo, predominando, em todas essas matérias primas na área de

coleta 2. A única exceção é o quartzito que não apresenta vestígios destas etapas de lascamento em nenhuma das áreas de coleta. Para o arenito silicificado fino, o aumento das lascas relacionadas a estas etapas aparece acompanhado de uma inversão na representatividade de cada uma delas, com uma proporção maior de lascas de preparo em relação às de reavivagem na área 2 e o inverso na área 1. O sílex apresenta um aumento dos vestígios em ambas etapas na área 2, tanto no que tange ao preparo quanto à reavivagem. Já o quartzito apresenta apenas lascas de preparo, estando ausentes os vestígios relacionados à reavivagem.

No outro extremo da cadeia operatória, observando a distribuição das lascas de descorticação, vemos que elas aparecem majoritariamente nas matérias primas quartzito e quartzito e, preferencialmente, na área de coleta 1. Este tipo de lasca está presente em todas as matérias primas muito embora no caso dos arenitos silicificados fino e médio tenham uma representatividade muito baixa e praticamente constante entre as áreas 1 e 2.

Para todas as matérias primas e em ambas áreas de coleta predominam as lascas simples. Estas abrangem diferentes etapas da cadeia operatória que podem envolver tanto o lascamento de núcleos quanto uma preparação inicial do suporte, mas que, no entanto, não apresenta os estigmas de lascamento necessários para podermos relacioná-las às etapas iniciais do lascamento nem ao preparo, retoque ou reavivagem de artefatos.

O único tipo de lasca que aparece praticamente apenas na área de coleta 1 abrange as lascas produzidas através da utilização da técnica de fiação de seixo. Assim como as lascas de descorticação, este tipo de lasca aparece majoritariamente em quartzito e quartzito, com alguns exemplares também em sílex. Na área de coleta 2 ele está representado apenas por algumas lascas

de quartzito, não havendo evidências de sua utilização em nenhuma outra matéria prima.

De acordo com o índice de lascas que utilizamos para analisar e caracterizar os sítios em estratigrafia (Bueno, 2005:198), a área de coleta 1 apresenta um índice muito próximo àqueles obtidos para o Horizonte 2 e 3 (0,126) enquanto a área de coleta 2 apresenta um índice mais próximo aos do Horizonte 1 (0,406).

Há ainda mais dois aspectos que diferenciam o conjunto de cada área de coleta e que aponta para diferenças com relação às etapas da cadeia operatória, dimensões e extensão cortical das lascas inteiras de cada matéria prima (Fig. 06).

As lascas de quartzito são um caso interessante, pois em ambas as áreas de coleta estão representadas pelos mesmos tipos - simples, de descorticação e de fiação de seixo - não envolvendo em nenhum dos dois casos lascas relacionadas exclusivamente à produção de artefatos. As lascas da área de coleta 2 apresentam dimensões menores do que as da área de coleta 1 ao mesmo tempo em que diminui a proporção daquelas com córtex na superfície externa. Ou seja, há, entre as duas áreas uma diminuição em termos de dimensão e superfície cortical dos suportes que estão sendo lascados em cada uma delas, o que é corroborado também pelo que já vimos a respeito da distribuição de núcleos e fragmentos.

Nas demais matérias primas também encontramos esse mesmo padrão, com lascas menores (tanto no comprimento, quanto na largura e espessura) e com um menor número de lascas corticais na área de coleta 2 do que na área de coleta 1. A única exceção no caso das dimensões diz respeito ao sílex que apresenta na área de coleta 1 lascas com comprimento e largura médios maiores na área 1 do que na área 2. No entanto, no caso dessa matéria prima a espessura média das lascas na área 2 é muito menor do que na área 1 fazendo com que o

índice que calcula a relação entre as três dimensões de cada lasca seja menor na área 2 do que na área 1, indicando assim a produção de lascas com uma massa menor nessa área de coleta.

Ainda um aspecto bastante interessante quanto à questão das dimensões das lascas, diz respeito ao fato da relação comprimento e largura ser constante em cada matéria prima nas duas áreas de coleta, apesar de haver uma diminuição no tamanho absoluto das lascas. Isso indica que, apesar de haver modificações no tamanho dos suportes lascados não deve haver modificações em sua forma, fazendo com que o módulo das lascas permaneça o mesmo. A maior diferença entre as duas áreas está relacionada à espessura das lascas obtidas, justamente em razão de haver uma modificação com relação à massa total do suporte.

Para a questão da matéria prima dos vestígios de lascamento, em geral, e das lascas, em específico, vimos que há diferenças importantes entre as duas áreas de coleta. No entanto, essas diferenças apontam para uma questão de proporção, relacionada à realização de diferentes atividades em cada uma delas. Para investigar melhor a questão da relação entre as áreas de coleta e os períodos de ocupação definidos para essa região podemos agora analisar a distribuição dos artefatos.

O primeiro aspecto a observar diz respeito à distribuição dos tipos de artefatos. Em ambas as áreas de coleta predominam os artefatos formais padronizados sobre lasca (40% na área 1 e 46% na área 2). Na área 2, seguem os informais (24%), os formais não padronizados (22%) e, por último, os formais padronizados sobre seixo (8%). Na área de coleta 1 essa posição se inverte, com os artefatos formais não padronizados (29%) superando os informais (27%), os formais padronizados sobre seixo (3%) e os bifaciais (1%) (Bueno, 2005:142).

O número de artefatos formais padronizados inteiros em cada uma das áreas de coleta é praticamente o mesmo, sete na área 1 e oito na área 2. Na área 1, os artefatos desse tipo (Fig. 06) apresentam em geral a combinação de dois pequenos gumes na parte distal dos bordos laterais do artefato, um gume retilíneo e outro côncavo. A porção mesial e proximal dos bordos laterais apresentam uma série de retiradas possivelmente relacionadas à prensão direta. Na área 2, além dos gumes retilíneo e côncavo na parte distal dos bordos laterais, há a formação de pequenos gumes também na parte proximal, evidenciando um maior aproveitamento, reavivagem e reestruturação do suporte do que no caso da área 1 (Fig. 07).

Mas, se compararmos as dimensões dos artefatos formais padronizados em ambas as áreas de coleta veremos que na área 1 eles são menores do que na área 2 (Fig. 08).

Combinando essas duas observações podemos pensar em duas possibilidades: os artefatos da área 1 foram efetivamente reavivados fazendo com que os demais gumes utilizados tenham sido reciclados em áreas de prensão do artefato; ou que artefatos mais compridos e largos são mais propícios para apresentar um maior número de gumes. Na verdade, essas possibilidades são complementares e não opostas. Além do que, se observarmos a distribuição dos tipos de lasca de arenito silicificado fino veremos que na área de coleta 1 predominam aquelas relacionadas à reavivagem sobre as de preparo enquanto, na área 2 predominam as de preparo sobre as de reavivagem. Assim, no caso dos artefatos formais padronizados poderíamos ter uma oposição entre ambas as áreas no que tange à produção e à utilização.

As etapas finais de produção dos artefatos formais poderia ocorrer na área 2 e a utilização, reavivagem e descarte na área 1. Esta oposição poderia, por sua vez, estar relacionada, por exemplo,

há uma diferença entre área doméstica – área 1 – e área de atividade específica com produção do conjunto artefactual – área 2 –, a diferentes eventos de ocupação de um mesmo grupo com funções diferenciadas ou ainda a sobreposição de ocupações com saque de artefatos da área 2 para utilização na área 1, sendo, neste caso, a área 2 de ocupação anterior a área 1.

Os artefatos formais não padronizados da área 1 (ver Fig. 06) apresentam, em sua maioria, lascas de arenito silicificado fino como suporte. Entre elas não há, no entanto, uma padronização quanto à relação entre comprimento, largura e espessura nem com relação ao tipo de talão. Ou seja, provém de diferentes etapas de lascamento. Os gumes são pequenos e, às vezes, encontramos mais de um tipo de gume no mesmo artefato. Aproveita-se uma plataforma natural da lasca para, através de alguns retoques, confeccionar um gume que ocasionalmente é reavivado. Dentre estes artefatos não há uma definição e um investimento claro na confecção de sua parte passiva, como notamos ser o caso dos artefatos formais. Este parece ser até um critério para seleção dos suportes - a presença de uma parte mais propícia à preensão e outra parte ativa que com poucas modificações poderia ser utilizada e, se necessário, reavivada. Os artefatos formais não padronizados sobre seixo aparecem preferencialmente nesta área e têm como suporte seixos de quartzito.

Na área 2 todos os artefatos deste tipo estão fragmentados. Todos têm lascas como suporte, mas em nenhum dos casos podemos observar o talão ou bulbo destas. A matéria prima é, em geral de pior qualidade do que na área 1 e os gumes são muito pouco aproveitados. Aliás, devido ao tamanho reduzido dos fragmentos não podemos caracterizar o tipo e a distribuição dos gumes nesses artefatos que parecem estar mais próximos de artefatos informais do que de formais padronizados.

Dos 24 artefatos informais encontrados na área 1, apenas dois têm seixo como suporte (ver Fig. 06). A maioria dos artefatos deste tipo está fragmentada, mas naqueles onde é possível identificar o talão, 90% dos casos apresentam talão cortical. Também no caso desses artefatos os gumes são pequenos e a parte passiva do artefato é definida por uma superfície natural do suporte, sem modificação secundária. Há gumes retilíneos, côncavos e em ponta, mas em nenhum dos casos aparecem juntos neste tipo de artefato. Os retoques relacionados à produção destes gumes são sempre marginais e preferencialmente diretos embora haja casos de retoques indiretos. Há dois artefatos excepcionalmente grandes, confeccionados sobre blocos de uma matéria prima bastante ruim e que em muito se assemelham a artefatos informais encontrados em sítios cerâmicos.

Os artefatos informais da área 2 (ver Fig. 06) também têm predominantemente lascas como suporte, sendo 99% delas com talão cortical. Nesta área não há artefatos informais sobre seixo. Os gumes apresentam as mesmas características acima apontadas para a área 1, são pequenos, se distribuem entre retilíneo, côncavo e em ponta, são confeccionados por retoques marginais diretos ou indiretos. Nesta área, a maioria dos artefatos deste tipo apresenta gume em ponta. Não há nenhum artefato com mais de um gume ou com evidência de reavivagem intensa. Como no caso dos formais não padronizados a parte passiva do artefato é definida por uma superfície já existente no suporte.

Com relação à dimensão destes três tipos de artefato há alguns aspectos importantes ainda a serem observados. O primeiro deles, como já indicamos acima, envolve o fato de que na área 1 a média das dimensões dos artefatos de cada um dos três tipos é menor do que na área 2. O segundo aspecto envolve a relação para cada um dos tipos. Cada um deles

apresenta um índice específico para essa relação que se mantém constante entre as duas áreas de coleta apesar das mudanças no valor absoluto das dimensões. Para os formais a relação entre comprimento e largura gira em torno de 2, para os formais não padronizados em torno de 1,5 e para os informais fica próximo a 1. Isto por sua vez indica dois aspectos importantes: não estão sendo utilizados os mesmo suportes para produção de cada tipo de artefato – o que já era perceptível através da comparação dos valores absolutos das dimensões de cada um deles – e as estratégias de utilização e, principalmente, manutenção são diferentes em cada caso. O terceiro e último ponto importante neste caso é que comparando a dimensão média dos artefatos e das lascas vemos que a grande maioria destas não pode ter sido utilizada como suporte para produção daqueles. As lascas encontradas no sítio são em geral menores do que os artefatos o que nos leva a supor que as lascas maiores produzidas no sítio foram selecionadas para sofrer algum tipo de transformação secundária ou essas lascas não foram produzidas no sítio, mas sim trazidas de outro local. É interessante observar aqui que a média das dimensões das lascas do sítio Serrinha (Bueno, 2005:256) é pouco maior que a média das dimensões dos artefatos formais padronizados deste sítio, o que reforça nossa hipótese a respeito da utilização daquele sítio como fonte de suportes de arenito silicificado para produção desses artefatos formais.

Por fim, a distribuição dos tipos de artefato por matéria prima reforça a observação feita anteriormente a respeito do uso diferencial das matérias primas. Em ambas as áreas de coleta os artefatos formais padronizados são produzidos preferencialmente em arenito silicificado fino enquanto para os não padronizados e informais tanto quartzo quanto quartzito podem também ser utilizados.

Por outro lado, a distribuição dos núcleos evidencia uma total predominância do quartzo, seguido pelo quartzito. São 44 núcleos na área de coleta 1 contra apenas 4 na área de coleta 2. Em ambas as áreas os núcleos têm seixos como suporte. Há, na maioria das vezes apenas uma plataforma de lascamento, lisa e cortical, mas aparecem alguns casos onde há também no mesmo seixo uma outra plataforma de lascamento facetada e acortical. A maioria dos seixos são alongados e discoidais, as lascas obtidas são pequenas e com módulo próximo a 1. Esses núcleos são em geral pouco utilizados, havendo aqueles com apenas uma ou duas retiradas. Na área 1 há três fragmentos de seixo de quartzo delgado e alongado lascados pela técnica bipolar.

Palimpsestos e contatos indiretos: uma hipótese sobre a formação do contexto arqueológico da região do Lajeado

O conjunto de dados obtidos neste sítio apresenta, dessa maneira, evidências que apontam não só para a realização de diferentes atividades em cada área de coleta, mas também para a existência de diferentes padrões de apropriação de cada matéria prima e para aspectos que podem estar associados a uma ocupação diacrônica dessas áreas. Apesar de haver basicamente o mesmo tipo de vestígio, há variações no que se refere a suas dimensões, frequência, grau de fragmentação e matéria prima. Tanto os artefatos formais quanto os vestígios de sua produção e reutilização estão presentes em ambas as áreas de coleta, embora em frequências e estágios de utilização distintos.

Como indicamos acima o conjunto de vestígios associados à área de coleta 1 se aproxima mais de um contexto do-

méstico, apresentando uma diversidade maior de vestígios, com fragmentos naturais e, principalmente, fragmentos térmicos. Nesta área se concentram os núcleos, principalmente de quartzo e quartzito, dos quais uma série de lascas brutas estava sendo obtida e possivelmente utilizada nas atividades de uso cotidiano. Em termos absolutos, há um número de vestígios muito superior em relação a área de coleta 2, dispersos também por uma área mais extensa. A matéria prima de pior qualidade, mas amplamente disponível, é predominante e, embora proporcionalmente semelhante, em termos absolutos, há na área 1 um número muito superior de artefatos informais e formais não padronizados, sendo ainda que nessa mesma área a proporção de artefatos destes tipos inteiros é superior a da área de coleta 2.

Já na área de coleta 2 além de haver um número menor de vestígios, dispersos numa área mais restrita, apresentando um grau de fragmentação de artefatos informais e formais não padronizados mais intenso, encontramos também uma frequência maior de vestígios associados à produção de artefatos formais (que apresentam um grau de utilização menos intenso do que aqueles da área de coleta 1) e de utilização das matérias primas de melhor qualidade.

Ou seja, todas essas características, se inseridas no contexto regional construído pela análise e datação de outros sítios, levantam a possibilidade de associarmos cada área de coleta a diferentes momentos de ocupação do sítio, com a área de coleta 2 associada ao Horizonte 1 e a área de coleta 1 aos Horizontes 2 e/ou 3. Além disso, características como frequência de núcleos em cada coleção, grau de fragmentação dos artefatos informais e formais não padronizados, e intensidade de utilização dos artefatos formais padronizados apontam para a possibilidade da área de coleta 2 ter servido como fonte de matéria prima lítica durante a ocupação da área de coleta

1. Esse aspecto pode ser interpretado como indicador da prática de saques de certos itens do conjunto artefactual depositado na área 2 pelos indivíduos que ocuparam essa mesma área em outro período e formaram o conjunto artefactual depositado na área 1 (Schiffer, 1987; Tomka, 1993).

Assim, podemos dizer que um dos principais argumentos para sustentar a hipótese de que este sítio envolve uma sobreposição de ocupações relacionadas a diferentes períodos, se baseia no fato da composição do conjunto artefactual de cada uma dessas áreas ser semelhante à composição do conjunto artefactual proveniente dos diferentes períodos de ocupação da região, identificados nos sítios em estratigrafia.

No entanto, há ainda outros fatores importantes, associados à distribuição espacial dos vestígios. Em todos os sítios em estratigrafia identificamos dois níveis de sobreposição entre conjuntos associados a diferentes eventos de ocupação do sítio. Um primeiro nível envolve a sobreposição de ocupações associadas a um mesmo sistema de assentamento, mas realizada em momentos distintos. Já um segundo nível de sobreposição, envolve a ocupação do sítio em diferentes períodos, mas não com uma sobreposição total da área ocupada e sim com uma sobreposição parcial que envolve a formação de conjuntos artefatuais quantitativamente distintos em diferentes porções do mesmo sítio (Camilli, 1989). Por exemplo, enquanto na sondagem 7 do sítio Capivara 5 encontramos a coleção com maior número de vestígios associados ao Horizonte 1, é na sondagem 6 que está o principal conjunto de vestígios do Horizonte 2 e na sondagem 9 o conjunto associado ao Horizonte 3, muito embora todas elas apresentem vestígios relacionados a cada um desses horizontes (Bueno, 2005:182). Se transpusermos isso para a superfície, eliminando as camadas estratigráficas nas quais estão depositados os vestígi-

os associados a cada um desses períodos, teremos uma área de dispersão de material praticamente contínua, com diferenças de densidade de material e composição do conjunto artefactual, exatamente como acontece no sítio Lajeado 1. No entanto, há uma diferença por vez fundamental entre esses contextos decorrente dos processos culturais e naturais de formação de sítios, dentre os quais podemos citar especificamente o saque, a reutilização e a reavivagem de artefatos produzidos durante períodos de ocupação anterior.

Esse mesmo exercício pode ser feito para o sítio Miracema do Tocantins 1, sendo que neste caso podemos inserir ainda a existência de ao menos duas áreas de concentração espacialmente distintas associadas ao mesmo Horizonte de ocupação (Bueno, 2005:250). Se trabalharmos também com o sítio Miracema do Tocantins 2, podemos inserir ainda mais uma área de concentração espacialmente distinta das anteriores, mas também associada a esse mesmo Horizonte. Esse contexto aponta para a existência de um comportamento marcado pela reocupação de lugares contíguos, mas não sobrepostos, gerando uma ampla área de dispersão de vestígios com diferenças de densidade. Tal configuração é corroborada não só pelos sítios de superfície, mas pelo *transect* que realizamos entre os sítios Miracema 1 e 2, ao longo do qual identificamos vestígios em todas as sondagens, com diferenças relacionadas especialmente à quantidade de vestígios (Bueno, 2005:165).

Assim, poderíamos dizer que essa configuração, caracterizada pela existência de extensas áreas de dispersão de vestígios nas quais há locais com maior densidade pode estar associada ao primeiro horizonte de ocupação e que o aumento significativo na quantidade de vestígios em determinados pontos dessa paisagem, destacando e realçando áreas que previamente já seriam caracterizadas por pequenas concentrações, está

relacionada ao processo de reocupação desses locais em períodos subsequentes. Teríamos dessa maneira uma diferença qualitativa no papel desempenhado por cada sistema de ocupação no processo de formação desse contexto arqueológico, um responsável pela ampla extensão da dispersão dos vestígios, ou seja, uma ocupação extensiva da paisagem e outra responsável pela definição de áreas de maior concentração, de pontos de destaque e adensamento de vestígios na paisagem, ou seja, *intensiva*.

Essas re-ocupações podem estar relacionadas a diferentes aspectos, muito possivelmente a uma série deles. Comumente associamos esses comportamentos à obtenção de recursos que seriam redistribuídos na paisagem a partir de sua apropriação e descarte pelas ocupações anteriores. No entanto, não podemos perder de vista que esses vestígios, a partir do momento que são reconhecidos como produtos de ação humana, sejam as pessoas que os produziram diretamente conhecidas ou não, fazem com que o sítio arqueológico possibilite um contato, uma conexão com a história de ocupação desse local e que, dessa forma, adquiram também um significado simbólico que certamente influenciará a decisão de reocupá-lo, saqueá-lo ou não. Dessa maneira ambos aspectos práticos e simbólicos estão envolvidos no processo de re-ocupação do sítio e apropriação dos vestígios de forma indissociada, pois da concepção de um depende a execução do outro.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, A.S.; MIRANDA, A.F. & SCHMITZ, P.I. 1981/81. Sítios pré-cerâmicos de superfície no programa arqueológico de Goiás – Alguns elementos para discussão de fenômenos adaptativos. *Arquivos do Museu de História Natural, (Atas da 1ª. Reunião Científica da SAB)*, Belo Horizonte, vol.VI-VII:35-46.
- BUENO, L. 2004. Variabilidade nas indústrias líticas do Brasil entre o final do Pleistoceno e o Holceno Médio: uma questão metodológica. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v.28(39):131-158.
- BUENO, L. 2005. *Variabilidade Tecnológica nos sítios líticos da região do Lajeado, médio rio Tocantins*. Tese de Doutorado. FFLCH/MAE, Universidade de São Paulo.
- CAMILLI, E. 1989. The occupational history of sites and the interpretation of prehistoric technological systems: an example from Cedar Mesa, Utah. In: TORRENCE, R. (ed.) *Time, Energy and Stone Tools*. Cambridge, Cambridge University Press, pp.17-26.
- CAMILLI, E. & EBERT, J. 1992. Artifact reuse and recycling in continuous surface distributions and implications for interpreting land use patterns. In: ROSSIGNOL, J. & WANDSNIDER, L. (Eds.) *Space, Time, and Archaeological Landscapes*. New York and London, Plenum Press, pp.113-136.
- DE BLASIS, P.A.D. & ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M. 1998. *Resgate de Patrimônio Arqueológico da UHE Lajeado e seu entorno, Estado do Tocantins*. Relatório Final. São Paulo
- EIA/RIMA 1999. UHE Luis Eduardo Magalhães - *Diagnóstico ambiental* – vol. II – Tomo A – meio Físico
- KENT, S. (Ed.) 1987. Method and Theory for activity area research. *An Ethnoarchaeological approach*. New York, Columbia University Press.
- MARTIN, G. 1996. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Recife, Ed. Universitária da UFPE.
- MARTIN, G., ROCHA, J.S., LIMA, M.G. 1986. Indústrias líticas em Itaparica, no vale do Médio São Francisco (Pernambuco, Brasil). *Clio*, Recife, n.8:99-136.
- PROUS, A. 1991. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, Ed. UnB.
- ROSSIGNOL, J. & WANDSNIDER, L. 1992 *Space, Time, and Archaeological Landscapes*. New York and London, Plenum Press.
- SCHIFFER, M.B. 1987. *Formation Processes of the Archaeological record*. Albuquerque, University of New Mexico press.
- SCHMITZ, P. I., BARBOSA, A. S., MIRANDA, A. F., RIBEIRO, M. B. & BARBOSA, M.O. 1997. Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central. Sudoeste da Bahia e leste de Goiás – o projeto Serra Geral. *Pesquisas Antropologia*, 52:8-197.
- SOUZA, A.M.; SOUZA, S.M.; SIMONSEN, I.; PASSOS DE OLIVEIRA, A.; SOUZA, M.A. 1981/82. Sequência Arqueológica da Bacia do Paraña – I, Fases Pré-cerâmicas: Coal, Paraña e Terra Ronca. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte, vol. VI/VII.
- SOUZA, A.M.; SIMONSEN, I.; OLIVEIRA, A.P. 1983/84. Nota preliminar sobre a indústria lítica da fase Terra Ronca. *Arquivos do Museu de História Natural, (Atas da 2ª. Reunião Científica da SAB)*, Belo Horizonte, vol VIII-IX:21-28.
- TOMKA, S. 1993. Site abandonment behavior among transhumant agro-pastoralists: the effects of delayed curation on assemblage composition. In CAMERON, C. & TOMKA, S. (Eds.) *Abandonment of settlements and regions. Ethnoarchaeological and Archaeological approaches*. Cambridge, Cambridge University Press, pp.11-24.
- ZVELEBIL, M.; GREEN, S. W.; MACKLIN, M. G. 1992. Archaeological Landscapes, Lithic Scatters, and Human Behavior. In: ROSSIGNOL, J. & WANDSNIDER, L. (Eds.) *Space, Time, and Archaeological Landscapes*. New York and London, Plenum Press, pp.193-226.

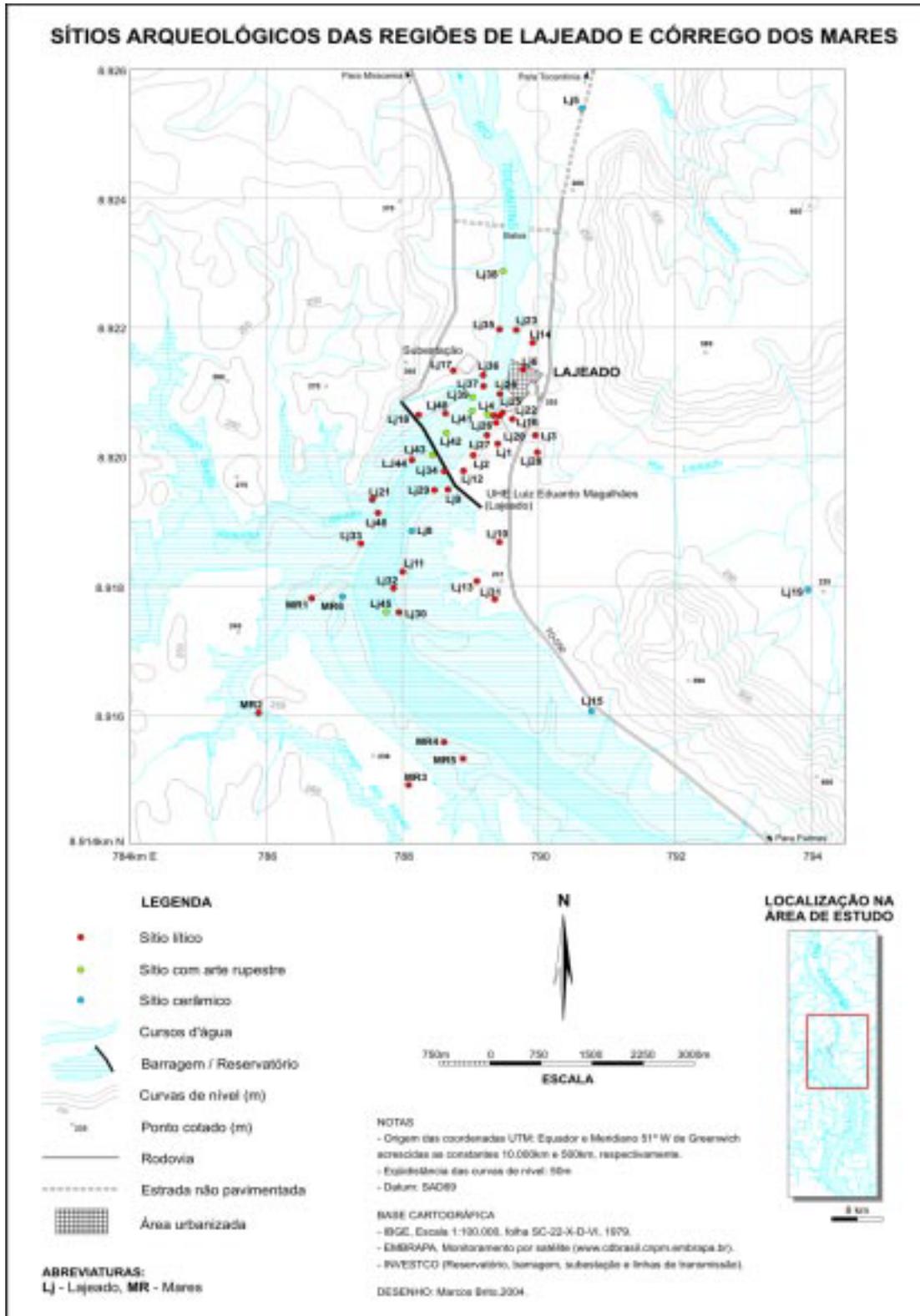


Fig. 01 - Sítios Arqueológicos da Regiões de Lajeado e Córrego dos Mares

Fig. 02 - Tabela de datas (Bueno, 2005:474)

sítio	sigla	data	sigma	calibragem AP	identificação
Lajeado 6	LJ6	550	60		Beta 118819
Miracema 1	MT1	1326	50		GIF
Mares 2	Ma2	1440	60	1420-1270	Beta 160598
Lajeado 7	Lj7	1530	50		Beta 118820
Alto da Serra 2	AS 2	1920	40	1920-1730	Beta 190077
Capivara 5	Cap5	2020	60	2130-1860	Beta 160596
Emas 2	Em2	2450	40	2730-2350	Beta 190078
Mirindiba 7	Mir7	3850	60	4420-4090	Beta 200496
Capivara 5	Cap5	5010	70	5920-5600	Beta 179195
Miracema 1	MT1	5.411	65		GIF
Miracema 1	MT1	5650	70	6630-6300	Beta 148338
Miracema 1	MT 1	5980	50	6920-6680	Beta 190079
Capivara 5	Cap5	8980	70	10240-9910	Beta 160594
Miracema 1	MT1	9397	80		GIF
Capivara 5	Cap5	9410	60	10750-10500	Beta 179197
Miracema 1	MT1	9456	95		GIF
Miracema 1	MT1	9670	60	11190- 10750	Beta 190081
Miracema 1	MT1	9790	70	11270-11120	Beta 148339
Capivara 5	Cap5	9850	70	11330-11160	Beta 160595
Miracema 2	MT 2	9890	80	11350-11160	Beta 190082
Mares 2	Ma2	9940	60	11570-11210	Beta 160599
Miracema 1	MT1	9990	60	11670-11230	Beta 168605
Capivara 5	Cap5	10050	80	12260-12250	Beta 179196
Lajeado 18	Lj18	10300	60	12630-12470	Beta 179198
Miracema 1	MT1	10530	90	12920-12060	Beta 190080

Fig. 03 – Tabela com distribuição das matérias primas por horizonte nos sítios datados e no sítio Lajeado 1

Sítios	MP	Amostra	H1		H2		H3	
			Quant.	Freq.	Quant.	Freq.	Quant.	Freq.
		TOTAL						
MT1	ASF	965	893	92,5	54	5,5	-	-
MT2	ASF	94	94	100	-	-	-	-
LJ18	ASF	352	352	100	-	-	-	-
Mar2	ASF	39	24	61,5	8	20,5	7	17,9
AS2	ASF	1	-	-	-	-	1	100
Mir7	ASF	5	-	-	-	-	5	100
CAP5	ASF	44	17	38,6	12	27,2	10	22,7
LJ1*	ASF	1189	708	59,5	390	32,8	-	-
MT1	ASM	343	38	11	294	85,7	-	-
MT2	ASM	9	9	100	-	-	-	-
LJ18	ASM	0	0	100	-	-	-	-
Mar2	ASM	30	3	10	8	26,6	19	63,3
AS2	ASM	1	-	-	-	-	1	100
Mir7	ASM	15	-	-	-	-	15	100
CAP5	ASM	137	46	33,5	29	21,1	24	17,5
LJ1	ASM	188	84	44,6	97	51,5		
MT1	Sílex	138	72	52,1	59	42,7	-	-
MT2	Sílex	45	45	100	-	-	-	-
LJ18	Sílex	72	72	100	-	-	-	-
Mar2	Sílex	38	12	31,5	8	21,0	18	47,3
AS2	Sílex	3	-	-	-	-	3	100
Mir7	Sílex	37	-	-	-	-	37	100
CAP5	Sílex	73	18	24,6	16	21,9	14	19,1
LJ1	Sílex	448	226	50,4	188	41,9	-	-
	Sílex							
MT1	Quartzo	20	10	50	7	35	-	-
MT2	Quartzo	20	20	100	-	-	-	-
LJ18	Quartzo	44	44	100	-	-	-	-
Mar2	Quartzo	51	11	21,5	24	47,0	16	31,3
AS2	Quartzo	27	-	-	-	-	27	100
Mir7	Quartzo	37	-	-	-	-	37	100
CAP5	Quartzo	297	67	22,5	106	35,6	55	18,5
LJ1	Quartzo	597	31	5,1	496	83	-	-
MT1	Quartzito	143	25	17,4	110	76,9	-	-
MT2	Quartzito	26	26	100	-	-	-	-
LJ18	Quartzito	40	40	100	-	-	-	-
Mar2	Quartzito	98	21	21,4	26	26,5	51	52,0
AS2	Quartzito	21	-	-	-	-	21	100
Mir7	Quartzito	157	-	-	-	-	157	100
CAP5	Quartzito	296	68	22,9	111	37,5	55	18,5
LJ1	Quartzito	788	206	26,1	525	66,6		

*Para o sítio Lajeado 1 consideramos a área de coleta 2 equivalente ao Horizonte 1 e a área de coleta 1 equivalente ao Horizonte 2 e/ou 3

Fig. 04 - Tabela com tipos de lasca por matéria prima e área de coleta.

	Simples		Descorticação		Fatiagem		Preparo		Reavivagem	
	A1	A2	A1	A2	A1	A2	A1	A2	A1	A2
ASF	67% (97)	54% (163)	2% (3)	3% (8)	-	-	11% (16)	26% (76)	20% (29)	17% (51)
ASM	82% (33)	84% (33)	3% (1)	-	-	3% (1)	10% (4)	10% (4)	5% (2)	3% (1)
Sílex	80% (49)	64% (60)	8% (5)	6% (5)	3% (1)	-	5% (3)	13% (12)	5% (3)	14% (13)
Quartzo	79% (70)	80% (8)	15% (13)	10% (1)	6% (5)	-	-	10% (1)	-	-
Quartzito	69% (119)	81% (90)	20% (35)	14% (15)	11% (20)	5% (5)	-	-	-	-
Total	368	354	57	29	26	6	23	93	34	65

Fig. 05 - Tabela com dimensão das lascas por matéria prima nas áreas 1 e 2.

	ASF			ASM			Sílex			Quartzo			Quartzito		
	SD	M	N	SD	M	N	SD	M	N	SD	M	N	SD	M	N
C	12,3	3,66	49	16,5	4,6	15	13,77	3,53	26	11,22	3,63	39	15,41	4,61	72
L	10,3	3,41	49	17,9	4,17	15	8,82	3,48	26	9,24	2,91	39	14,77	4,4	72
CIL		1,07			1,10			1,01			1,24				1,15
E	5,85	1,06	49	7,85	1,45	15	6,41	1,25	26	5,81	1,41	39	5,97	1,78	72
CILXE		1,13			1,59			1,26			1,74				2,04
Área 2	ASF			ASM			Sílex			Quartzo			Quartzito		
	SD	M	N	SD	M	N	SD	M	N	SD	M	N	SD	M	N
C	10,51	3,42	100	9,25	4,25	20	11,60	3,58	38	9,35	3,25	6	11,97	4,09	48
L	9,94	3,13		11,71	3,85		11,13	3,79		5,66	2,6		9,20	4,01	
CIL		1,08			1,10			0,94			1,25				1,01
E	3,12	0,78		3,95	1,01		4,21	0,97		3,16	1,0		6,57	1,37	
CILXE		0,82			1,11			0,91			1,25				1,38



Fig. 06 - Foto dos conjuntos de artefatos do sítio Lajeado 1 - Cj 1: artefatos informais da área 2; Cj 2: artefatos formais não padronizados da área 1; Cj 3: artefatos formais padronizados sobre lasca da área 1; Cj 4: artefatos informais da área 1.

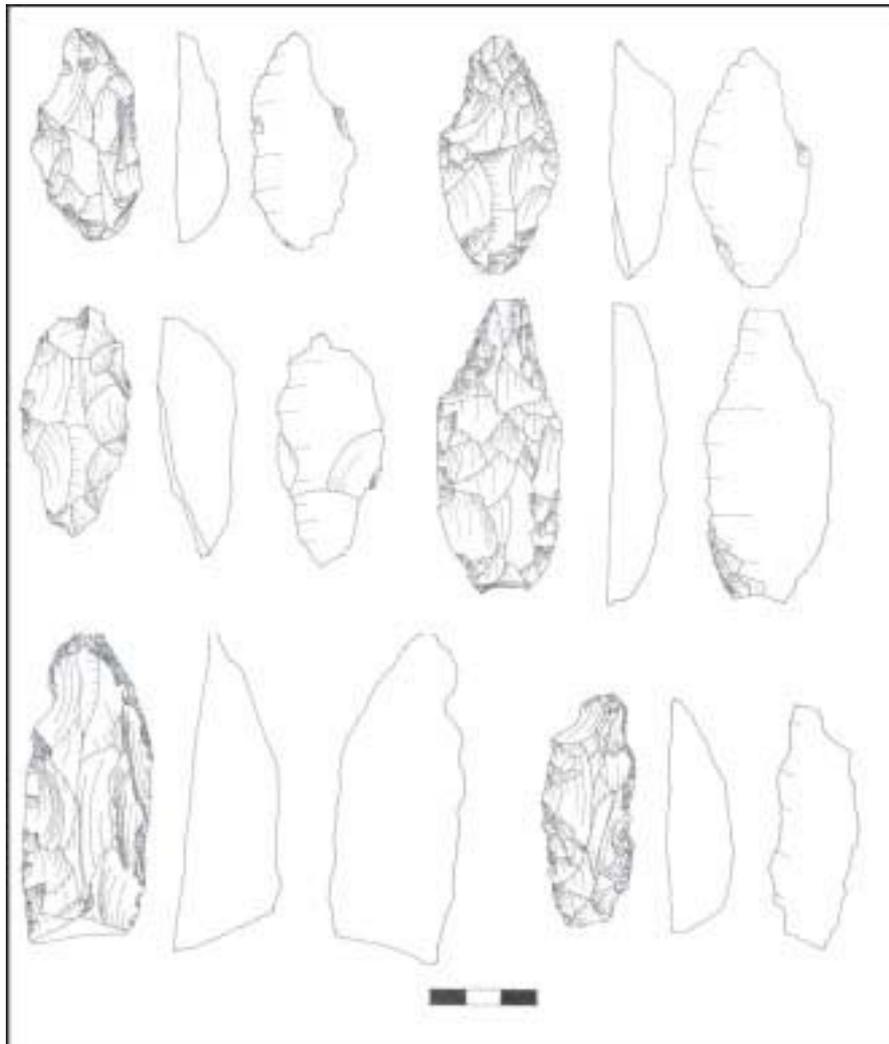


Fig. 07 - Artefatos Formais Padronizados sobre lasca da área 2 do sítio lajeado 1

Fig. 08 - Tabela com dimensão dos artefatos nas áreas 1 e 2.

Área 1	Formal Padronizado			Formal não padronizado			Informal		
	SD	M	N	SD	M	N	SD	M	N
C	12,7	6,46	12	7,07	5,50	2	16,21	4,92	12
L	6,20	3,04	12	10,61	3,25	2	8,56	3,88	12
CIL		2,125			1,692			1,268	
E	8,75	1,90	12	10,61	1,75	2	8,32	1,46	12
CILXE		4,08			2,96			1,85	
Área 2	Formal Padronizado			Formal não padronizado			Informal		
	SD	M	N	SD	M	N	SD	M	N
C	19,0	7,61	9	26,41	6,04	12	33,64	6,73	11
L	17,85	4,17	9	9,65	4,25	12	24,81	5,36	11
CIL		1,824			1,421			1,255	
E	11,87	2,59		7,75	2,13	12	14,51	2,36	11
CILXE		4,72			3,02			2,96	